



Na Igreja Católica, é comum chamarmos os sacerdotes de “Pai”. No entanto, essa prática levanta questionamentos, especialmente entre alguns grupos protestantes que citam Mateus 23,9:

“E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, aquele que está nos céus.”

Será, então, errado chamar um sacerdote de “Pai”? Esse título tem fundamento bíblico e teológico? Neste artigo, exploraremos a origem, a história e o significado profundo desse título, esclarecendo equívocos e explicando seu uso legítimo na tradição cristã.

1. Um título enraizado na Sagrada Escritura

Para entender por que chamamos os sacerdotes de “Pai”, precisamos examinar como esse termo é utilizado na Bíblia. Apesar das objeções baseadas em Mateus 23,9, a própria Escritura usa a palavra “pai” em diferentes contextos, sem que isso contradiga o ensinamento de Cristo.

1.1. O uso de “pai” na Bíblia

Deus é o nosso Pai por excelência, mas a Bíblia também reconhece figuras humanas com autoridade espiritual como “pais”:

- **São Paulo se considera “pai” dos fiéis:** “Ainda que tivésseis dez mil mestres em Cristo, não teríeis contudo muitos pais, pois fui eu que vos gerei em Cristo Jesus pelo Evangelho.” (1 Coríntios 4,15)
- **O patriarca Abraão é chamado de “pai” dos crentes** (Romanos 4,16).
- **O profeta Eliseu se dirige a Elias dizendo:** “Meu pai, meu pai!” (2 Reis 2,12)
- **O título de “pai” também é usado para anciãos e líderes espirituais** no Antigo Testamento (Juízes 17,10; Gênesis 45,8).

Se a própria Bíblia se refere a líderes espirituais como “pai”, é evidente que Cristo não proibiu o uso desse termo de maneira absoluta.



1.2. O que Jesus quis dizer em Mateus 23,9?

Quando Jesus disse **“A ninguém na terra chameis vosso pai”**, Ele estava condenando a hipocrisia dos fariseus, que buscavam títulos honoríficos para sua própria glória, e não para servir a Deus. O contexto do versículo (Mateus 23,1-12) mostra que Cristo criticava aqueles que usavam títulos para se exaltar, e não o uso legítimo da palavra “pai” para autoridades espirituais.

Se interpretássemos Mateus 23,9 de forma estritamente literal, também não poderíamos chamar ninguém de “mestre” ou “doutor”, pois Jesus também diz:

“Nem vos façais chamar mestres, porque um só é o vosso Mestre, o Cristo.” (Mateus 23,10)

Porém, em outras passagens, a Escritura menciona “mestres” na Igreja (Efésios 4,11; Tiago 3,1). O problema, portanto, não está no uso do título em si, mas no abuso da autoridade espiritual.

2. A paternidade espiritual do sacerdócio

O título “Pai” para os sacerdotes não é apenas uma convenção, mas reflete uma realidade teológica profunda: o sacerdote participa da paternidade de Deus por meio de seu ministério.

2.1. O sacerdote como gerador de filhos espirituais

São Paulo diz aos coríntios: **“Eu vos gerei em Cristo Jesus pelo Evangelho.”** (1 Coríntios 4,15). Os sacerdotes fazem o mesmo: geram filhos espirituais por meio da pregação, do batismo e dos sacramentos. Eles não são “pais” no sentido biológico, mas como guias espirituais que conduzem os fiéis a Deus.

2.2. O sacerdócio como reflexo da paternidade de Deus

Deus se revela como Pai, e Cristo, em sua humanidade, nos mostra o rosto do Pai. No entanto, Ele quis ter representantes na Terra. Os sacerdotes, agindo **in persona Christi** (na



pessoa de Cristo), refletem essa paternidade.

Quando um sacerdote perdoa pecados, batiza ou consagra a Eucaristia, ele age no nome de Cristo, que é a imagem do Pai. Sua paternidade não é um direito pessoal, mas um dom de Deus que o torna mediador de Sua graça.

3. Um título com forte tradição na Igreja

Desde os primeiros séculos, os cristãos chamavam seus líderes espirituais de “Pai”. Aqui estão alguns exemplos históricos:

- **Santo Inácio de Antioquia (século I)** exortava os fiéis a obedecerem aos bispos e sacerdotes como pais espirituais.
- **Os monges egípcios (séculos III-IV)** chamavam seus superiores de “Abba” (Pai).
- **São Bento (século VI)** determinou que os monges deveriam chamar seu abade de “Pai”.

A Igreja sempre entendeu que a paternidade espiritual não é um título vazio, mas uma missão sagrada.

4. Objeções protestantes e respostas

Muitos protestantes se opõem ao uso da palavra “Pai” para os sacerdotes, mas suas objeções se baseiam em interpretações errôneas. Vamos responder às mais comuns:

4.1. “Jesus proibiu chamar alguém de ‘Pai’”

Como vimos, Mateus 23,9 não deve ser entendido de forma absoluta. Caso contrário, nem mesmo poderíamos chamar nosso pai biológico de “pai”, o que seria absurdo e contrário ao quarto mandamento:

“Honra teu pai e tua mãe.” (Êxodo 20,12).



4.2. “O sacerdócio católico não é bíblico”

O sacerdócio tem suas raízes no Antigo Testamento (Levítico 21) e se cumpre no Novo Testamento com os apóstolos. Jesus instituiu um sacerdócio ministerial quando disse:

“*Fazei isto em memória de mim.*” (Lucas 22,19),

dando aos apóstolos o poder de consagrar a Eucaristia. São Paulo também fala do ministério sacerdotal:

“*Para ser ministro de Cristo Jesus entre os gentios, exercendo o sagrado ministério do Evangelho de Deus.*”
(Romanos 15,16).

4.3. “Somente Deus é Pai”

Deus é o Pai por excelência, mas isso não exclui a paternidade espiritual dos sacerdotes. O próprio Paulo se qualifica como “pai” de suas comunidades (1 Coríntios 4,15).

5. Conclusão: Um título que expressa uma verdade profunda

Chamar um sacerdote de “Pai” não é um erro nem uma heresia, mas o reconhecimento de sua missão espiritual. Não é um título honorífico vazio, mas um reflexo de seu papel como guia, protetor e mediador da graça de Deus.

Quando um católico chama um sacerdote de “Pai”, ele não está roubando a glória de Deus, mas reconhecendo que Deus age por meio de seus ministros. Como diz São Paulo:

“*Porque nós não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus*



*como Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por amor
de Jesus.” (2 Coríntios 4,5).*

Que essa compreensão nos ajude a valorizar e respeitar nossos sacerdotes, verdadeiros pais espirituais em nossa caminhada para a vida eterna.